



## **Experiência e Cultura: Novos horizontes entre o homem e a experiência**

**Ronaldo Pimentel**

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da UFJF.

Aluno do Curso de Filosofia da UFJF.

[pimentelrp@yahoo.com.br](mailto:pimentelrp@yahoo.com.br)

### 1. Introdução

No livro *Experiência e Cultura*, experiência, consciência, cultura e conhecimento são os problemas de Miguel Reale, que trabalha com o conceito de consciência ligado ao conhecimento pela experiência e essa deve ser ampliada. Experiência é a articuladora entre consciência e conhecimento. De fato, uma experiência exige a presença de dois complementos, o experienciador e o experienciado. Eles são postos dialeticamente num processo de complementação. Durante esse caminho veremos a ligação entre Reale e o neokantismo assim como a contribuição do pensamento de Husserl, o que o faz um dos marcos na Historiografia Filosófica Brasileira, no sentido de correlação e diálogo entre as tradições filosóficas e o tratamento de novas problemáticas vindas da análise exaustiva dessa tradição e as constatações e dificuldades do nosso tempo, que surgem num âmbito cultural que envolve todas as atividades humanas.

O homem é a sua cultura e consciência, por isso, seus conhecimentos apontam para ele, dando uma única direção integradora dos sentidos da consciência experienciadora, sua práxis, constatada na história do experimentar, como uma prova ainda da sua existência.

Cultura é a emergência contínua da experiência na história, prática do homem. No culturalismo de Miguel Reale, o que se procura é o processo de conhecer de forma harmoniosa, um conhecimento subjetivo e objetivo e também criativo, ou seja, uma Teoria Geral da Experiência.

## 2. Desenvolvimento

2.1. A Complementaridade entre sujeito e objeto: proposta de um conhecimento ontognoseológico

Há aqui um novo modo de olhar o sujeito do conhecimento, muito diferente do sujeito transcendental kantiano. Para Kant, o sujeito é possuidor de um esquematismo estático que o faz ver o mundo, experienciá-lo, de determinado modo muito particular, “um eu transcendental como estrutura puramente formal”. Para Reale:

(...) O conhecimento é antes uma correlação dinâmica entre o que há de imanente no sujeito que conhece e o que há de imanente no real, num processo aberto a sempre novas integrações cognoscitivas. É a razão pela qual o eu transcendental não pode ser concebido como forma vazia e estática, e, como tal definitivamente estruturada.

Ao contrário de preexistirem no espírito formas definitivas, o que caracteriza é antes o poder ir sempre constituindo novos e adequados esquemas e processos de captação do real, o qual, a rigor, só existe sob o prisma gnoseológico, enquanto se converte em objeto.<sup>54</sup>

Não há motivo para se adequar tudo a um conjunto determinado de categorias nem dividir as ciências em naturais e humanas, levando a uma divisão no campo do conhecimento. Da mesma forma, o sujeito de conhecimento, por tais e tais categorias do entendimento, é capaz de organizar as informações em compartimentos estanques. O conhecimento que nós produzimos hoje não é fruto de um puro formalismo abstrato, que faria com que sempre fosse reformulado o sistema dedutivo a que pertence.

Pelo contrário, o conhecimento é colocado como algo problemático. O sujeito do conhecimento é possuidor de uma intuição e do agir intencional. O sujeito se situa em uma

---

54 REALE, Miguel: *Experiência e Cultura: Para a Fundação de uma Teoria Geral da Experiência*, São Paulo, SP, 1977, ed. Grijalbo – EDUSP.

estrutura de consciência voltada para algo a conhecer. Sendo assim, há dois componentes fundamentais sem os quais não se pode realizar o conhecimento sendo eles o sujeito e o objeto. A teoria do conhecimento, na Ontognoseologia, nos mostra como que se dá a relação entre sujeito e objeto, que é dinâmica e o processo cognoscitivo está sempre se alterando de modo a captar da melhor maneira possível aquilo que é o real. Tal mudança não ocorre senão na experiência, o que implica afirmar que o eu transcendental não é estático mas histórico e é o que faz com que o conhecimento humano se desenvolva de modo satisfatório. O sujeito conhecedor é temporal, perene, e inovador. Não realiza conhecimento por si só, necessita do objeto de conhecimento e isso ocorre somente na experiência.

A experiência é um aspecto unificador tanto do conhecimento do real quanto da própria ética pois se o homem agir de determinado modo é porque ele quer colocar em prática um conjunto de valores que estão à prova da experiência. São eles também dinâmicos e temporais; a cultura de um povo vista ao longo da história nos mostra uma constante mudança de perspectivas. Nesse sentido, a liberdade não pode ser encarada como uma coisa isolada, uma lei universal, porque seus fundamentos, agora, estão na experiência dos valores. A historicidade é mostrada inclusive nas Ciências, que a cada contexto cultural exhibe uma capacidade analítica diferente.

Os cientistas formulam hipóteses que são verdadeiras numa dada realidade objetiva mas de maneira condicionada às exigências de uma teoria do conhecimento, que também se modifica de acordo com o conhecimento produzido numa época, ou seja, não é a teoria do conhecimento que exige um conhecimento e seu modo de produção mas a teoria se adequa aos modos de pensar do seu tempo.

A historicidade tem um papel fundamental da teoria do Conhecimento do nosso tempo porque ressalta na experiência a maneira fundamental de agir e, nesse sentido, se a consciência é consciência de algo, o sujeito deverá está localizado num mundo de objetos. Não é possível conhecer apenas pela razão ou pelas estruturas puras do entendimento. A gnoseologia é essencial num conhecimento que é realizado num mundo circundante mas deve haver uma ligação biunívoca com esse mesmo mundo, o componente ontológico.

O que Reale pretende é focalizar tanto a importância do sujeito como conhecedor e o objeto, inserido na realidade objetiva, possui estruturas próprias que o faz conhecido. Aqui ocorrerá uma dialética de implicação-polaridade entre sujeito e objeto do conhecimento e que

são as bases da ontognoseologia. Reale, então, vê essa dialética como uma movimentação dada por elementos que são entre si contrários e que buscam um ao outro numa complementação em que podem se revelar da mesma natureza mas se contrariam em um ou outro ponto particular. Kant já dizia que na realidade os elementos são apenas contrários sendo impossível a posição de dois contraditórios em fatos sendo que tal conflito é de ordem lógica. Por outro lado, os contrários podem se relacionar e inclusive um mediar o outro ocorrendo ao mesmo tempo, o que torna aceitável à dialética real e concreta a atuação de componentes contrários entre si.

O sujeito é sempre a consciência voltada para algo objetivo e os objetos, de acordo com suas categorias, sofrem apreensões diversas. Dado a capacidade de se sempre conhecer novos objetos e não todos, o espírito é capaz de sempre realizar conhecimento novo. Aqui, incluímos o comportamento nomotético ou capacidade sintética de produzir conhecimento sobre a natureza ou a cultura<sup>55</sup>.

No afã de conhecer um objeto, a consciência lança mão de sua ferramenta adaptativa e a mudança de suas estruturas é o sinal da presença de algo. Tal situação indica que a consciência objetiva está em ação. Assim, as estruturas objetivas coincidem com as estruturas subjetivas. O conhecimento ocorre com o espírito humano que age no tempo e produz concretamente a cultura. Sendo assim, o elemento histórico-cultural não pode ser deixado de lado quando se elabora a Teoria Geral do Conhecimento.

Ao tentar eliminar as conseqüências da visão historicista que vê o homem como puro objeto da história, Reale afirma que toda ação dele ocorra na história não é determinada nessa história. O espírito recebe todo um conhecimento histórico-cultural anterior mas, dada a sua individualidade, o que ele produz é sempre algo novo. Nesse momento a liberdade do espírito é um elemento importante da ação. Longe de considerar a cultura como somente uma manifestação coletiva, ela é um produto de cada um, do conhecimento de si e do conhecimento objetivo bem como do conhecimento do universo cultural sendo que um dos momentos da análise intencional da consciência é conhecer sua história e cultura, que é permeada de valores e bens culturais.

As condições objetivas são inerentes ao objeto e ditam o seu valor e sentido em uma

---

55 Há, também, o objeto metafísico e tal objeto ultrapassa os limites da Ontognoseologia ou do cognoscível. Porém é de grande importância o seu entendimento já que tais objetos fazem parte da experiência e cotidiano do homem.

determinada cultura. Numa cultura permeada de valores, cada objeto pode ser visto de maneira diferente e faz com que tenhamos que fundar um estudo dessas culturas particularidades. Lógica e axiologia<sup>56</sup> são ciências complementares da Ontognoseologia. Nas condições de se realizar um conhecimento, o aspecto gnoseológico nos remete à Lógica do sujeito conhecedor e o aspecto ontológico nos remete aos modos de como um objeto se faz conhecido culturalmente. Assim, se a experiência nos resulta na elaboração de conceitos, eles são de características tanto subjetivas quanto objetivas; e se a objetividade da cultura como teoria dos valores é um conjunto de toda experiência humana numa coletividade, como também que realiza essa coletividade é o sujeito em ação, a cultura humana é um fator de experiência complementar entre sujeito e intersubjetividade.

## 2.2. A Ontognoseologia como Lógica Transcendental

O problema da lógica envolve o tratamento da natureza do conhecimento. Ao considerarmos a Lógica pelo ponto de vista fenomenológico veremos que ela estrutura toda a consciência para o conhecimento assumindo um caráter de transcendentalidade que faz com que toda pesquisa seja capaz de elaborar conhecimento concreto. A consciência fenomenológica entra em contato com o objeto do conhecimento pela sua natureza intencional e, sendo assim, a lógica, transcendental, que trata das estruturas subjetivas de conhecer sem deixar de lado as estruturas objetivas que participam desse conhecimento: “Na unidade sintética da apercepção transcendental estão inerentes os critérios lógicos que possibilitam a tomada de consciência de algo(...)”<sup>57</sup>. Chamaremos a Ontognoseologia de Lógica Transcendental.

A Ontognoseologia procurará responder às exigências do conhecimento do nosso tempo sem corresponder a uma estrutura estática. Ela se mostra de caráter dialético e procura ligar o conhecimento científico atual às contribuições históricas tanto do passado quanto da conjuntura cultural contemporânea. Além disso, ao considerar o raciocínio lógico-formal, será levada em conta a polaridade concreta-abstrata de que é resultante. O conhecimento necessitará da lógica transcendental como uma teoria onde essa terá que ser capaz de descrever os esquemas de adequação do sujeito ao objeto. Para tanto, será necessário o

---

56 Estudo dos valores.

57 Op. cit. Pag. 79

desenvolvimento de uma Teoria dos Objetos capaz de nos mostrar as condições estruturais objetivas que complementam o processo cognoscitivo. O espírito captará o objeto de várias formas, conforme o momento exigir ele é capaz de desenvolver várias linhas de pensamento e cada uma representa um momento da ontognoseologia.

A Ontologia propõe lançar as estruturas para que se conheça a totalidade concreta numa apreensão satisfatória da realidade que une as condições transcendentais subjetivas de conhecimento com as condições objetivas de se fazer o objeto conhecido. Denomina-se assim, a Gnoseologia como sendo a parte subjecti e a Ontologia como a parte objecti ou teoria dos objetos. A teoria dos objetos responsabiliza-se pelas “regiões ônticas” que caracterizam os “horizontes do real”. Cada tipo de objeto constitui uma área que exige um modo específico da ação ou uma particularidade ontognoseológica.

Há uma distinção entre Ontognoseologia e Lógica formal. A Ontognoseologia apresenta um alcance universal perante as ciências enquanto que a Lógica formal estabelece os princípios que cada ciência exige e, portanto, cada âmbito objetivo capaz de ser aprendida, cada uma delas, de maneiras distintas, desde as ciências positivas até as ciências culturais como a história, a sociologia, a Ética, etc. O pressuposto ontognoseológico de transcendentalidade faz com que sempre o espírito se encontre em condições de atualização concreta através da experiência. Cada atualização corresponde a um momento do espírito que se revela em cada ciência particular. Cada momento constitui uma lógica formal que é um esquema antecipatório, nos dizeres de Max Scheler, e que determina as atualizações objetivas mas que se modifica a cada exigência vinda da experiência. Cada vez que isso acontece, o sujeito se liga ao objeto seguindo determinadas condições e, por serem distintas, exige-se que se tenha um estudo específico e diferenciado de cada momento de objetivação. Cada ciência é um momento de concreção objetiva ou de experiência fundada numa epistemologia ou lógica formal.

### 2.3. Sujeito e objeto: dialética e experiência

A ação humana é motivacional, o que a coloca além do mundo concreto e possui toda uma estrutura de sentido. O homem, a cada segundo, cria objetivamente segundo seus motivos. Todo motivo é um valor e envolve a consciência humana no sentido de que a

autoconsciência ou consciência de ser como se fosse um regresso a si mesmo. Mas tal consciência não se encontra separada da consciência histórica como relato de todos os erros grotescos e acertos brilhantes do espírito e que o moldam de certa maneira e quando indagamos espiritualmente pelas estruturas espirituais ou transcendentais, na verdade, estamos invocando a consciência histórica de si, e que torna inevitável a descoberta da inventividade do espírito na sua capacidade nomotética e do seu pensamento ligado ao real.

A história é onde acontece a correlação entre sujeito e objeto num processo dialético de síntese complementar que nunca se fecha, e, portanto, caracterizando um diálogo aberto de identificação global. Sujeito e objeto são pressupostos que devemos ter antes de indagar sobre o funcionamento e a natureza do conhecimento transcendental além de toda a experiência. Quando o sujeito põe-se a pesquisar sobre o objeto, temos um ato cognoscitivo, e o objeto deve ser necessariamente distinto do sujeito. O tratamento objetivo deve levar em consideração como o objeto é imposto ao sujeito ou o objeto não é uma coisa em si mas dada como tais e tais maneiras que possibilitam essa ou aquela interpretação em determinado processo histórico-cultural.

Quanto ao conhecimento concreto do real, devemos elaborar uma correlação global subjetivo-objetiva para que se possa realizar uma avaliação crítica. Assim, o sujeito é o elemento que possibilita a significação e a experiência concreta no processo cognitivo. Nesse sentido, o conhecimento crítico e transcendental, portanto filosófico, deve abranger esses dois elementos para entender tanto o funcionamento de um quanto o funcionamento de outro e como essa síntese de possibilidades está para a realidade concreta.

A objetivação é um momento decisivo da experiência cognoscitiva e tanto que é um processo ocorrido tanto no pensamento quanto em ato concreto. O pensamento é um ato fenomenológico e, portanto, a objetivação de algo posto, no momento anterior, à possibilidade de ser pensado. Ou pensamos os objetos ideais ou abstraímos as estruturas lógicas dos objetos físicos ou colocamo-nos a pensar nós próprios, tudo isso é pensamento e tudo isso é objetivação ou característica objetivante do ato de pensar. O pensamento, assim, é visto como o produto da experiência de dois componentes, um se fazendo como algo objetivamente pensado e outro como o que condiciona o pensamento, que é o sujeito.

Pensar é um revelar-se em atitude concreta que gera a atividade da experiência cognitiva. Ao conhecer um objeto, num processo histórico experienciado, o homem é capaz

de conhecer o a si mesmo: “(...)Na verdade, quanto mais se determina o objeto, captando-se o real em sua estrutura e consciência, mais me revelo a mim mesmo e me sinto como sujeito.”<sup>58</sup> Conhecer os objetos num experienciar é perceber concretamente as capacidades de conhecimento e colocá-las numa transição do possível ao ato, num movimento cognitivo vindo diretamente da dialética do sujeito e objeto que implica chegarmos ao pensamento ou conhecimento subjetivo.

O sujeito elabora conhecimento de si se objetivando e tornando a si próprio algo como entregue a si mesmo como objeto, tal objeto é toda experiência anterior do homem que se coloca a conhecer-se. O sujeito sempre se projetará a algo para consolidar a sua experiência. O pensamento encontra-se ancorado em dois componentes que são o sujeito e o objeto e se relacionam na chamada dialética da complementaridade ou dialética da implicação-polaridade.

A experiência pode ocorrer num nível transcendental além do concreto já que o pensamento é uma modalidade de experiência que abrange objetos ideais e matemáticos como também objetos psíquicos e objetos culturais. Estamos falando aqui de um movimento desencadeado pelo espírito que vai tanto ao abstrato quanto ao objetivo concreto ao realizar um conhecimento seu e objetivá-lo através de suas ações. Isso é produzir algo verdadeiramente cultural. A experiência realiza a síntese entre sujeito e objeto e ambos se implicam em complementaridade<sup>59</sup>. O conhecimento produzido por essa síntese se mostra válido e presencial a partir do momento em que o conhecimento e o objeto que se faz conhecido são valorizados. Qualquer ato humano, inclusive o conhecimento, é um ato de valorar, a experiência é uma constante atribuição de valor.

#### 2.4. Características fenomenológicas da Ontognoseologia

Para Reale, nos estudos de Husserl há uma importância atribuída à experiência originária no mundo ou o mundo da vida, aproximando a fenomenologia das experiências do homem em concretude. Em Husserl encontramos, além da polarização entre noesis e noema, a

---

58 Op. cit. Pág. 100

59 Complementaridade e conhecimento satisfatório não quer dizer conhecimento completo. O que há é uma *dialética da síntese em aberto*, algo sempre faltará para ser conhecido, o ser conhecido é *infinitamente determinável*, nunca concluído.

polarização “eu-pólo” e “todo pólo de objeto” sendo esse último referente a toda e qualquer experiência que ocorra no cotidiano do mundo da vida. Aqui, o sujeito entra em contato direto com o mundo pela experiência caracterizada como ainda um contato pré-científico e é a situação originária de qualquer juízo, é o contato primordial com o mundo e que esse mundo deve ser estudado nas suas bases históricas porque assim será mostrada toda a transformação sofrida por esse mundo até a apreensão ingênua e quantificada pelo sujeito.

O sujeito encontra uma correlação concreta com o mundo através da dialética proporcionada pela intencionalidade onde o situa como conhecedor de uma realidade concreta que ultrapassa seus esquemas internos e subjetivos. Mas há um momento em que o conhecimento passa a realizar uma busca pelo próprio sujeito e é onde ele vê que sua consciência tem um conteúdo intencional que submete tudo que é conhecido a um sentido de existência.

Reale procurará uma nova interpretação para a fenomenologia através da Ontognoseologia. Aqui, a consciência do mundo não está separada do conhecimento subjetivo, ou seja, a reflexão fenomenológica não ocorreria se, vendo o mundo como o conjunto de objetos a conhecer se o sujeito não estivesse experimentando o mundo. Assim, na dialética entre sujeito e objeto, na Ontognoseologia, possui as seguintes características:

a) a correlação essencial entre sujeito e objeto, e, por conseguinte a impensabilidade do “eu transcendental”, sem permanente referibilidade ao objetável e geral, ao que se põe antes de toda teoria ou de qualquer forma de categorização científica;

b) o reconhecimento da tensão dialética que une sujeito a objeto, como termos distintos mas transcendentalmente complementares, antes de o serem em suas determinações históricas.<sup>60</sup>

Sujeito e objeto se unem, tanto que quando a consciência põe-se a pensar sobre ela mesma, deverá ela ser objetivada. Então, seja qual for a relação que ocorra entre consciência e objeto, será chamada relação ontognoseológica e os modos que essa relação ocorre e que impele o homem à ação são marcados por um processo de assimilação histórica e cultural

---

60 Op. Cit. Pág. 128.

captada do antigo conceito de consciência do mundo e que agora faz parte das estruturas subjetivas. E quando o sujeito o pensa, não realiza nada mais que uma reflexão crítico-histórica fazendo dele o herdeiro de toda uma tradição trabalhada por outros homens e digerida por ele de um modo especial.

Considerar a história por um aspecto cultural é ter em mente que nós estamos inseridos numa coletividade em que há traços que carregamos em comum e que o indivíduo, ao agir, põe em objetividade, algo que se transforma em componente cultural e seu modo de ação deve ser baseado principalmente nos valores que ele adquiriu e que outro indivíduo também adquiriu fazendo com que ele torne uma ação como dever ser e, além disso, o outro, como parte da intersubjetividade em que vivemos, deve ser capaz de avaliar as ações dos indivíduos inseridos na cultura e como a cultura é o que molda as ações individuais, de alguma maneira ela está inserida nos componentes a priori dos indivíduos. Tais fatores incorporam os valores culturais e são aqueles componentes que compõem o dever ser individual. Assim, sujeito e objeto se relacionam em complementaridade dialética tanto pelos seus componentes subjetivos quanto pelo que ele herdou de historicidade e vem digerindo individualmente.

## 2.5 Teoria dos valores

A experiência implica num ato de valoração e é tipicamente presente no mundo da cultura e cada ato cognoscitivo que se faz conhecido só é conhecido porque é parte de experiências e que apontam para uma “realidade de convergência” além do fato de ter ela em comum os componentes subjetivos e objetivos. A experiência é o modo como o espírito interage com o mundo, ou seja, uma relação transcendental eu-mundo realizada pela experiência da consciência em contato com o objeto, que é o mundo. A experiência ocorre ao longo da história e, cada momento que o sujeito experimenta, mais consciência de si ele toma e, ao perceber que o ato de experimentar dá-se em objetos que se encontram no mundo, ambas se implicam numa tentativa de complementaridade e se consolidam na ação humana. Cada experiência necessita de algo que a coloque em movimento para ser realizada. As experiências, nesse sentido, são realizadas pelo espírito tendo nele a sua origem envolvendo toda a sua capacidade de manipulação do real na busca de conhecê-lo e torná-lo, em

determinadas condições, racional. No espírito está unificada toda experiência e, por terem uma base única, algo devem ter em comum, ou seja, qualquer experiência, natural ou cultural necessitará do homem com presença de espírito sempre buscando transcender as estruturas determináveis do real. A experiência, como um objetivo do espírito, pode desvelar o próprio eu que experimenta, um conhecimento de suas capacidades de experimentar, que são suas limitações e possibilidades de experiência. Quando o espírito experimenta algo se alcança no objeto que está experienciando, se utilizando as capacidades transcendentais de conhecimento vindas do objeto e das suas próprias capacidades lógicas transcendentais de se conhecer e, inclusive, modificando-as. Nesse momento, o espírito coloca toda a sua transcendentalidade munida de sua liberdade de ação na busca de um superamento do que já foi dado como conhecido abrindo novas possibilidades de ampliação e de dever; aqui um novo objetivo pode ser configurado como uma nova busca e que se consolida somente na experiência que ainda possui no seu seio a capacidade valorativa que o espírito carrega em suas faculdades ontognoseológicas de onde se tira que toda vez que o espírito experimenta, na verdade está valorando algo e realizando um fato valorativo donde esses fatos são objetos de estudo das ciências culturais e, como todo fato é um evento composto de objetos, faz parte das ciências culturais o estudo dos objetos culturais.

Valores são a base para qualquer ação do pensamento humano. Colocar a consciência em contato com o objeto de modo a direcioná-la para um objeto delimitado não é nada mais que pressupor um valor que a faça relacionar os modos de percepção e captação do real objetivo mesmo num conhecimento pré-científico tanto quanto nas formas de conhecer o ser e o dever ser. No mundo humano, tudo é valor e todo valor se liga ao espírito e a liberdade. Não podemos considerar somente duas partes distintas do humano sendo uma da natureza, portanto sem liberdade e uma transcendental já que tudo o que se faz vivido e experienciado nos dois moldes acima passam pela ontognoseologia que é dinâmica e munida dos valores num processo complementar sendo o mundo humano único e constituído da cultura onde desde as ações mais simples. A cultura e os modos de percepção do que é dito ser natural são bens culturais que marcam toda a liberdade do espírito perante tudo que se diz ser ou dever ser humano.

O problema levantado por Kant quanto à separação da experiência ética em relação à experiência natural ou fenomênica através da liberdade como pano de fundo que faz o

homem, pelo lado ético, agir pelo dever ser, fez autores como Max Scheler e Nicolai Hartmann e percebido por Reale repensarem o problema do dever ser com mais cuidado. Teremos uma hierarquia onde o valor é a fonte para todos os tipos de experiências humanas ou ao dever ser como um fator separado ou posterior ao dado da natureza, o que faz da experiência ética (ação humana) nunca seja transposta para o campo da natureza mas dela deriva a base para todo objeto cultural. Valores possuem uma existência, ou seja, são objetos da cultura e se vêm numa categoria ôntica. Quanto a uma categoria lógica, eles modificam e codificam qualquer capacidade de conhecimento. Numa categoria deontológica, modificam os comportamentos individuais e coletivos. Como os valores estão ligados às ações humanas, eles determinam os fins do dever ser e tudo aquilo que o homem faz é valorar. Sendo assim, as próprias ciências naturais que procuram manter a máxima objetividade não deixam de ser um produto do seu tempo já que, por ser um fruto da ação humana, são carregadas de valores que se conectam e se configuram de determinada maneira inerente ao seu tempo.

Fatos são interpretados à maneira dos valores anexos à consciência do homem; os valores moldam nossa percepção de qualquer coisa de modo a nos dar uma essência abstrativa de acordo com nossa leitura, seja qual for o método científico, ou experiência científica assim como experiência artística ou da vida cotidiana. As experiências são a base de todas as verdades científicas, elas podem ser a confirmação de uma experiência anterior ou a refutação da outra experiência, para que seja, por exemplo, testada as verdades científicas. Quando uma experiência não confirma uma teoria, é necessária uma reestruturação teórica dos métodos perceptivos valendo sempre o critério de refutabilidade, como disse Popper. Para o desenvolvimento científico, portanto, uma ciência necessita sempre da experiência que deve estar aberta a novas experiências para uma dinamização do conhecimento. A experiência não passa de um teste de uma teoria in concreto como também da objetivação de valores e interpretações que se baseiam essa teoria e, sendo assim, há uma constante dinamização e mudança tanto com valores quanto das teorias científicas da experiência concreta.

## 2.6. Ciências da cultura e ciências da natureza

Baseada na distinção feita por Dilthey, Reale nos mostra em que sentido os valores estão para as ciências na busca de uma experiência concreta. As ciências naturais que estudam

o ser quase que num aspecto de neutralidade buscam objetivamente explicar os fatos e fenômenos da natureza enquanto que o espírito, ao realizar essa ciência cultural na verdade procura compreender os fenômenos culturais . A diferença é que as ciências da natureza se preocupam apenas em descrever as coisas como elas são sem implicação direta ou indireta no sujeito conhecedor. Nas ciências culturais a preocupação se volta para as finalidades da ação ou o dever ser do fenômeno cultural e, como inclui o sujeito que está voltado para algo e é o ativador de uma ação qualquer, a atividade compreensiva se volta ao dever ser que é baseado nos valores da cultura humana, condicionantes da experiência e fundadoras, inclusive, das ciências teóricas ou da natureza de uma determinada maneira em um ponto da cultura.

Ciências da natureza realizam uma explicação causal e singular. Ciências do espírito, uma compreensão do dever ser, ou compreensão de todo conteúdo valorativo. Valores só são colocados em experimentação pela dialética da complementaridade entre fato e valor. A compreensão, por entender os aspectos da experiência humana, termina por ser um estudo do espírito pelo próprio homem, se descobrindo em suas ações propiciadas pelos valores e se compreendendo. A experiência proporcionada pelo conhecimento objetivo ou uma ida da consciência ao objeto se divide então em duas formas de apreensão transcendentais distintas com relação ao comportamento cognitivo. Uma é o conhecimento do mundo da natureza onde o espírito indaga, como na Matemática e na Física, sobre os objetos naturais sem ir aos seus valores, mas já uma pesquisa sobre os fundamentos dessas ciências levaria a uma reflexão sobre os valores que as balizam e nesse sentido, entramos em outro tipo de indagação do espírito, referente às ciências culturais que envolvem um conhecimento do próprio ser humano transformando-o num objeto do conhecimento cultural.

No conhecimento cultural, trabalhamos com os objetos culturais ou os valores. A cultura, que abrange as ciências humanas, também é um conhecimento capaz de uma compreensão científica. O método de pesquisa das ciências culturais são eminentemente uma hermenêutica das ações e experiências humanas e que, portanto, como a experiência é uma ida ao concreto e uma realização do dever ser, é uma eterna realização de valores nessa experiência. Portanto, o estudo da cultura é uma pesquisa que envolve os valores e suas configurações dadas pela experiência na história, entregues, após a ação, à coletividade, fazendo com que o próprio estudo da cultura não seja um estudo neutro.

## 2.7. Ética

A ação humana, como percebemos, é realizada através de valores que as configuram como uma ação baseada em sentidos e se consolidam na realidade pela história. Tudo que o homem realiza está de algum modo interligado à experiência ética como consolidação dos valores mas que vem do fato de que sua característica de sempre se atualizar nesta experiência, porém, o estudo desses valores ultrapassa a mera experiência empírica dada, porque a axiologia<sup>61</sup> envolve, ainda, toda uma intencionalidade do espírito ao desenvolver uma ação e que se configura nos valores interligados à consciência e a liberdade de ação. Agimos pelo dever ser intrínseco ao espírito tornando o sentido da ação algo transcendental, percebido pela coletividade de indivíduos que o espírito representa.

Não há como indagar por cada ação individual sem perceber todo o contexto cultural que está inserido o indivíduo. A experiência ética como um problema ontogenesiológico é posta como um problema axiológico que deve ser visto como um processo de ação configurada pelos valores e que implica em uma nova reestruturação desses valores, tornando a conduta um modo de valorar constante. Como indivíduo, o homem é responsável pelas ações produzidas, colocando a pessoa humana como o valor fundamental.

A ética envolve interações sociais, de intersubjetividade e ações individuais, e, sendo um estudo de âmbito cultural, é um estudo da coletividade; o que se coloca aqui é que a pessoa humana assume característica do eu transcendental kantiano, guiado pelos valores do dever ser mas a plena valorização é individual. A conduta humana também está ligada a uma conduta histórica e cultural além de uma rede valorativa que se consolida no indivíduo na tomada de ação ou experiência, que logo deve ser levada à transcendência. A subjetividade é o fundamento do valor a pessoa humana e que faz da comunidade uma pluralidade movida pela liberdade e relações entre indivíduos que se ligam através de circunstâncias concretas de interação. Nesse sentido, o valor fundamental da pessoa humana é o valor do dever ser e o dever é o que o leva à ação. Identificando-se como pessoa, o homem segue respeitando o outro e por ele é respeitado. O homem está para o outro numa relação de respeito e reconhecimento. Esse é o fundamento radical de qualquer processo da experiência cultural. A pessoa humana

---

61 Axiologia refere-se ao estudo dos valores, os objetos da cultura.

realiza a experiência á sua maneira individual e criativa, mas, mesmo assim, o homem encontra-se circunscrito num momento histórico, que não é o fator determinante necessário à sua ação. A história é um fator que o homem usa para ultrapassar as circunstâncias pela própria liberdade, que também é um fator cultural.

## 2.8. Vida Comum

Agora passaremos a descrever um outro tipo de experiência, ou seja, a experiência cotidiana, original, onde temos acesso a tudo aquilo que pode como também não pode ser científico, é a experiência pré-categorial. Nessa experiência não há como a consciência se apoiar em estruturas de categorização mas apenas com o dado imediato e em contato direto com o mundo. Esse contato imediato com o dado em uma experiência é o que produz o conhecimento comum ou doxa, o conhecimento da vida e que é o finito da experiência de vida existente em todos os homens. A experiência cotidiana dos homens permanece longe de qualquer formulação de um reducionismo de interpretação dos dados é um fato original e suporte para todas as experiências posteriores. A experiência originária é o homem se movimentando dentro do mundo da vida. As experiências pré-reflexivas estão na base de tudo e é aquilo que o homem tem de mais natural como é natural também do homem gerar conhecimento racional de onde podemos começar a refletir a natureza desse conhecimento assim como a forma que esse conhecimento é produzido.

Os conhecimentos que se realizam em bases transcendentais passam pelo mundo da experiência cotidiana e liga com outros componentes da Ontognoseologia. Essa experiência tem seu lugar garantido no que é essencial para a vida humana porque é espontânea e extremamente seletiva, merece uma análise que a clarifica como uma percepção elementar que ocorre dinamicamente no tempo, é um ato histórico que pode ser referenciado num encadeamento de processos experimentais anteriores que o justifique. Sendo assim, a experiência cotidiana encontra suas bases num processo de valorização e regulamentação do espírito que experiência ou seja, a mesma capacidade nomotética inculcando sentido às outras experiências cotidianas valorizando cada ação, dando sentido de regularidade e de ordem, e a experimentação diária leva á conclusão de que a nossa vida é um constante ato de escolha, de determinação e doação de sentido.

Na experiência cotidiana nos reconhecemos como seres dotados de componentes tanto biológicos como psíquicos e é por tais coisas que somos capazes de uma inclusão no mundo social e natural que origina todo processo valorativo que pode vir a ocorrer, por exemplo, numa experiência cultural. Antes de tudo, somos corpo e a eles acostumamos sem perda para a liberdade. A experiência cotidiana é um exercício de liberdade e encontra-se aliada à linguagem comum, porém, essa experiência possui uma ordem, que não seja científica mas que constitua uma coerência orgânica e que a torne algo a ser interpretado por um sistema de símbolos. A experiência cotidiana ou comum possui alguns elementos pontuais que a caracteriza e, para tanto, a descrição desses elementos se inicia através da individualidade biológica do homem voltada para suas funções vitais individuais mas que tal organismo é capaz ainda de se colocar e se desenvolver em questões de cunho ético partindo do reconhecimento de que tal organismo é capaz ao encontrar-se vivendo; reconhecimento de que a consciência é intencional, voltada para o outro, onde numa determinada experiência, ela é capaz de trazer o objeto e o outro a uma correlação dinâmica com os seus modos de produzir conhecimento em comunhão tanto com os objeto do mundo a sua volta quanto com o outro tornando a humanidade um laço de solidariedade. A experiência cotidiana é onde o homem consegue ser mais criativo e inventivo e faz com que o conhecimento racional e operacional tente sempre entender os esquemas dessa criatividade . Assim é criada a linguagem, vinda da capacidade de se colocar tudo numa organização fluída e filtrada, fruto do tratamento daquilo que veio do imediato; e aquilo que vai além do que é dado no cotidiano e é objeto de conjecturas daquilo que denominamos metafísica.

## 2.9. Linguagem

A linguagem possui uma base de correlação entre a idéia, pensamento, e a circunstância histórico-cultural em que ocorre. Relaciona-se também com algo maior que ela e que constitui a principal faculdade do espírito que é a ação de simbolizar e devemos considerar que o símbolo é algo que funda a cultura. A linguagem torna-se comunicável pela experiência que se queira externar ao outro, é uma atividade social que articula todo o tipo de pensamento humano. Para ocorrer, a linguagem necessita também do mundo objetivo. A linguagem está vinculada ao âmbito objetivo de alguma maneira para que assim a estrutura do

signo seja completa, é também a linguagem, de caráter teleológico e prático.

Na cultura, uma das mais importantes contribuições da linguagem é a interdisciplinaridade que ela é capaz de proporcionar pela experiência no contexto cognoscitivo contribuindo para uma compreensão integral da experiência. Mas como a linguagem não pode estar desvinculada do pensamento já que é nele que ela ganha sentido e valor e sabemos que o pensamento é uma modalidade de experiência cultural.

## 2.10 História

Aqui deverá ser analisada a diferença entre temporalidade e historicidade. O tempo em seu caráter seqüencial e objetivo é representado pela temporalidade enquanto que a historicidade representa o tempo entendido pela sua significação, seus valores intrínsecos reconhecidos somente através de um sujeito mas que não põe o sujeito em ação somente através das suas escolhas subjetivas. Os valores da época encerram o sujeito numa constelação de valores ou circunstâncias que tornam a sua ação não como algo isolado mas envolvida em fatores culturais. A escolha subjetiva vem daquilo que chamamos de seletividade ou a capacidade que o homem possui de escolher somente aquilo que lhe é significativo, o que importa ou o que possui um valor, o que está ligado à cultura. Aquilo que possui valor é histórico mas aquilo que não possui esse significado é meramente temporal. Sendo assim, sem o sujeito se autodeterminar e sem a história ou o meio determinar o homem. Há no sujeito a capacidade seletiva, há na cultura aquilo que ele pode selecionar. Tal seletividade e os valores históricos nos compromete em relação a capacidade de olharmos para o passado e interpretá-lo já que com os valores de hoje.

A constante seletividade do homem faz com que saia de dentro do tempo histórico, o tempo cultural. O tempo cultural constitui aquilo que é emergente em determinado instante do tempo histórico mas por um motivo ou outro acaba por terminar no início de outro tempo cultural, de novos valores, que envolvem novos pontos de vista inerentes a quem vive determinado tempo cultural ou cria valores que permanecem durante grande parte do tempo histórico, cristalizando-os por séculos, como a justiça por exemplo.

O historicismo axiológico é possível pela capacidade do homem transcender-se, dada a sua plenitude e reflexão sobre a experiência histórica, do já acontecido e objetivado

observando o passado e o presente em busca do futuro. Aqui, o homem reflete sobre aquilo que ele acha mais significativo, a seletividade está em ação naquilo que foi experimentado, e a experiência delimita as cogitações sobre o futuro, aumentando ou diminuindo o alcance da projeção, somente ocorrendo tal processo pelos valores experimentados.

É inegável que a realidade em que nos encerramos é permeada pela cultura, é uma realidade objetiva, os objetos naturais encontram-se interligados aos objetos culturais, os valores. Mas a ligação entre o mundo e esses valores dada pelos afazeres do homem, sua busca pelo objeto, que é realizado pela consciência, pela intencionalidade da consciência, ou seja, sua subjetividade volta-se para a objetividade através da cultura que, em cada época, configura os ambientes e modos da ação humana. A configuração de valores simultâneos, em um recorte temporal, são os horizontes históricos de um homem numa determinada época, que se materializa nas mais diversas linguagens simbólicas, na escrita, na ciência, sociedade, religião, etc. O horizonte histórico pode ser designado como sendo uma ideologia no sentido de ser aquilo que permeia as ações e intencionalidade humana.

Dos objetos é constituída a cultura, e é pelo conteúdo intencional da consciência que o homem torna-se capaz de selecionar valores, de objetivar aquilo que é mais significativo; mas as coisas e acontecimentos do mundo podem ser enxergados de duas maneiras, sendo uma forma através do conhecimento científico, da simples explicação lógica. O mundo da cultura, outra faceta do conhecimento, deve ser compreendido através da interpretação dos significados, a lógica é um caso limite que é necessário nos dois modos de conhecer mas que assume características distintas em ambos, de acordo com o que se pretende conhecer.

A pessoa humana é o principal valor na cultura, e objeto central da história. A pessoa é aquele que experimenta, o ator de objetivação de todos os outros valores. O valor da pessoa humana contém a subjetividade transcendental ou o homem como um sujeito universal e histórico assim como produtor de cultura e do tempo histórico, que logo deve ser objeto de transcendência.

Transcender é algo que se liga diretamente com a liberdade comprovada pela experiência, a união de dois itens: “a natureza intencional da consciência, e a objetivação como modo de ser essencial à vida do espírito”<sup>62</sup>. A liberdade não se origina do herdado, que se coloca para o sujeito numa análise valorativa, ou seja, a realização de novas sínteses.

---

62 *Op. Cit.* Pág. 246

Liberdade é uma possibilidade encontrada somente através da reflexão cultural em busca da superação do natural e é ela que faz da cultura algo dinâmico.

## 2.11 Metafísica: Arte e Religião

Na experiência artística, ou estética, de caráter metafísico e no limite do entendimento ontogenesológico, o artista inevitavelmente entra em contato com o mundo das coisas mas diferente do homem comum, o artista realiza um trabalho criativo, num esforço dialético de experimentar e rejeitar o que foi experimentado numa atividade crítica. Então, o artista que, ao entrar em contato com a obra de outros artistas, não procura somente compreendê-los mas criticar. A cada momento que o verdadeiro artista estuda obras de arte, cada vez mais o artista se torna autêntico. É comparável a criatividade do artista à universalidade de sua obra de arte, que permanece como lembrada através dos tempos como se elas ainda possuísse o mesmo significado. Como ato de criação, ainda, o artista põe sua obra num horizonte histórico das significações de uma época.

A experiência religiosa, também de caráter metafísico, procura entrar em contato com o sagrado. Fundada e intencionalmente representada por objetos que levam ao sagrado, o misterioso contato com o intocável. As vias de acesso ao sagrado exigem do homem sacrificar-se em oferta ao seu deus em adoração. Não há completo entendimento racional dessa experiência que nos aparece como total paradoxo principalmente em relação ao sagrado, algo inatingível e que é depositado toda a esperança, que ainda é comunicável. Entrar em contato com o sagrado é realizar uma experiência noumênica e sair da finitude.

(...) Em toda experiência religiosa há o fato fundamental de uma espontânea renúncia de si, numa procura incessante do transcendente, o que revela quanto o problema da experiência religiosa se vincula ao da esperança e da saudade, a primeira como infinita projeção no futuro, a segunda como exigência presente do que a morte separou, pois é a idéia da morte, que gera, em última análise, a experiência religiosa.<sup>63</sup>

O tempo da religião refere-se à eternidade como busca primordial do homem para se

---

63 *Op. Cit.* Pág. 276

entender em relação à sua morte e nascimento e produz indagações que acompanham toda a vida. Diante disso, não se espera apenas explicações puramente científicas sem uma hermenêutica compreensiva do significado mas conjecturas, pensamento que se lançam ao infinito e que profetizam o futuro da humanidade, presente em todas as teleologias.

### 3. Conclusão

Em Reale observamos a capacidade do pensamento filosófico brasileiro, de caráter reflexivo sobre a realidade que necessariamente ocorre senão pela consciência subjetiva e transcendental. O sujeito se insere como aquele que dá sentido à objetividade. Não conheceríamos o real sem o sujeito de onde o puro objeto não é capaz de realizar nada além de estar entregue aos seus próprios estado de coisas e funcionamento. Partindo da diferenciação entre o natural e o transcendental, Reale chegou a uma nova concepção de experiência como campo de ação legítimo da Ontognoseologia. Na atitude ontognoseológica, a redução fenomenológica necessita de todas as modalidades de experiência, algumas delas tratadas aqui, para se chegar ao conteúdo intencional da consciência. As experiências constituem a construção da cultura humana, a aceitação e a reconstrução da cultura, daí também o caráter histórico dessa reflexão. O conteúdo intencional da consciência inclui as vivências subjetivas, o momento histórico, os valores e demais objetos. Concluímos o conhecimento não é visto através de um caráter reducionista nem ao sujeito puro nem ao objeto mas em um equilíbrio de complementação, o dever ser e o ser em Reale se comunicam harmoniosamente numa dialética da complementaridade. Esses e outros aspectos da filosofia de Reale confirmam a necessidade da abordagem do conhecimento humano de forma interdisciplinar e problemática. O puro subjetivismo ou o objetivismo extremo simplificam demais as coisas, tornando-as abstratas e formais, o empirismo estrito, na sua fase positivista, resultou e uma abordagem das ciências humanas, por exemplo, como se fosse um mecanicismo, física social, uma transposição do método objetivo. O subjetivismo levaria ao puro deduzir do homem longe de seus processos históricos e concretos de experimentar. Reale ampliou esses horizontes de modo inusitado percebendo os limites de cada teoria e lançando as bases para um modo de pensar totalmente novo, a Ontognoseologia como Teoria Geral da Experiência, inclusive as experiências não científicas mas culturais, aquilo que prevalece para

todo homem porque é de sua natureza.

BIBLIOGRAFIA

REALE, Miguel: *Experiência e Cultura: Para a Fundação de uma Teoria Geral da Experiência*, São Paulo, SP, 1977, ed. Grijalbo – EDUSP.

MOURA, C. A. R. *Crítica da Razão na Fenomenologia*. São Paulo: Nova Stella/EDUSP, 1989.